

Comitê assessor distribuiu telex do BC

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Um telex do governo brasileiro pedindo que os bancos credores não cobrem o pagamento de US\$ 9.6 bilhões que vem amanhã, já prorrogados uma vez, começou a circular na última sexta-feira, segundo informou, ontem, o porta-voz oficial do Citicorp. Um telex assinado pelo Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores apresenta o comunicado enviado pelo governo brasileiro, mas nenhum dos dois foi oficialmente divulgado à imprensa.

"Não podemos divulgar o telex do governo brasileiro" — desculpou-se um porta-voz do Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores. "Isso tem que ser feito por Brasília" — acrescentou. Já o outro, introdutor, só poderia ser liberado hoje, porque ficou guardado numa área administrativa do Citicorp que fechou antes de circular a notícia que os telex

estavam sendo divulgados desde sexta-feira, quando o ministro Dilson Funaro e o presidente do Banco Central, Francisco Gros, encerraram suas negociações em Washington e em Nova York.

Em São Francisco, no entanto, onde os bancos ficam abertos até às 8 horas da noite na costa atlântica, por causa da diferença de horário, nenhum dos credores do Brasil, consultados, tinha recebido os telex. Um deles, o Bank of America, por exemplo, informou, inclusive, que o último comunicado que tem do Brasil é o de 20 de fevereiro, anunciando a moratória.

A situação é a mesma que precedeu o vencimento dos US\$ 15 bilhões das linhas de curto prazo, no final de março. Com um telex do governo brasileiro e outro do Comitê de bancos credores, sem nenhuma recomendação explícita, a comunidade financeira internacional aceitou manter as linhas de crédito abertas. Um dos bancos, porém, o Morgan, decidiu, numa ação isolada, colocar

suas linhas a seis bancos brasileiros no *overnight*, renovando-as diariamente.

Um banqueiro brasileiro acha que a mesma situação deverá se repetir agora: "Que alternativa têm os bancos?", pergunta. E ele mesmo acrescenta — "O Brasil não pode pagar..." Ele ficou mais certo disso depois de participar da reunião convocada pelo presidente do Banco Central, Gros, na última sexta-feira, em Nova York: "Continuem como até agora", pediu-nos Gros. "Tentem ficar na linha definida pelo governo", enfatizou. "Eu esperava um pouquinho mais da reunião. Mas foi praticamente zero" — lembrou o banqueiro.

O ministro Dilson Funaro e o presidente do Banco Central deixaram o texto do telex com o Comitê Assessor dos Bancos Credores, e tiraram uma folga em Nova York, partindo para o Brasil com expectativa da visita de uma missão do Banco Mundial marcada para a segunda-feira que vem. Ontem, já se sabia, extraoficialmente, o nome do homem que

chefiará a missão, qualificada como sendo de "alto nível". Será Andre Gue, diretor da área de América Latina e Caribe. E com ele irá Gonzalez Cofino, chefe da Divisão do Brasil.

Gue e Cofino passarão duas semanas estudando "a economia do País e sugerindo refinamentos à política econômica", como apurou o *Wall Street Journal* de ontem, sugerindo que o Banco Mundial poderia até mesmo representar o antigo papel que cabia ao FMI.

A nova e simpática abordagem do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, para quem "a crise brasileira é passageira", não tem entretanto sido compartilhada pelos banqueiros privados, para quem a visita do ministro Funaro acrescentou muito pouco progresso às negociações, que deverão ser longas. Neste contexto, a nova prorrogação dos US\$ 9.6 bilhões, prevista para amanhã, não passaria de uma condição para que o diálogo continue, sendo retomado na semana que vem, no Brasil, pelo Banco Mundial.